

ARMANDO DA SILVA GONÇALVES
PAULO HENRIQUE DE QUEIROZ NOGUEIRA

POR QUE FALAR DE GÊNERO?

PEQUENO MANUAL DE EXPERIÊNCIAS SOBRE
COMO FALAR DE GÊNERO EM SALA DE AULA



G635p

Gonçalves, Armando da Silva, 1987-

Porque Falar de Gênero? [recurso eletrônico] : pequeno manual de experiências sobre como falar de gênero em sala de aula / Armando da Silva Gonçalves, Paulo Henrique de Queiroz Nogueira. -- Belo Horizonte : UFMG / FaE, 2025.

43 p. : il., color.

ISBN: 978-65-88446-85-0.

[Obra produzida em conjunto com a dissertação de mestrado do autor realizado no Mestrado Profissional em Educação e Docência da Faculdade de Educação da UFMG]

Bibliografia: f. 42-43.

1. Educação sexual. 2. Identidade de gênero. 3. Identidade sexual na educação. 4. Ambiente de sala de aula. 5. Professores e alunos.

I. Título. II. Nogueira, Paulo Henrique de Queiroz, 1966-

III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 372.372

O QUE ENCONTRO EM CADA CAPÍTULO?

Por que esse livro existe?.....	04
De onde surgiu a ideia desse trabalho?.....	05
Quem sou eu?.....	05
Como esse livro funciona?.....	07
O que é “gênero”?.....	08
O que é “identidade”?.....	10
Sou eu quem escolho minhas identidades?.....	11
Relações de gênero são relações de poder?.....	13
Cis, trans... como assim?.....	16
Enfim, por que falar de gênero na escola?.....	18
Como falar de gênero em sala de aula?.....	20
Como falar de identidade? (Oficina).....	21
Como diferenciar sexo e gênero? (Oficina).....	24
Eu sou uma pessoa, uma coisa ou um observador (Oficina).....	27
Toda formiga é fêmea?.....	30
Como uma oficina que deu errado pôde dar certo?.....	34
Como age um homem? (Oficina)	36
Por que eu preciso estudar sobre gênero?.....	39
Quais referências utilizei nesse trabalho?.....	41

POR QUE ESSE LIVRO EXISTE?

Falar sobre gênero pode parecer complicado. E quando o assunto entra na escola, então... surgem ainda mais dúvidas: será que é papel da escola falar disso? Por que esse tema é importante? Como explicar algo que nem sempre é fácil de entender?

Na verdade, até mesmo definir o que é “gênero” pode ser difícil. A gente cresce sem conversar muito sobre isso — nem entre adultos, quem dirá com crianças e adolescentes que já têm suas próprias ideias sobre o assunto.

Mas se você parar pra pensar, o gênero se mistura com muitas coisas: poder, identidade, corpo, sexualidade, convivência, cor da pele, o mundo à nossa volta... E entender tudo isso, sobre nós mesmos, já é uma tarefa grande. Agora imagine trazer isso pra dentro da sala de aula!

Essas perguntas me acompanharam durante minha vida como professor. À medida que eu via meus alunos crescendo, também pensava na minha história como estudante e nas escolhas que me levaram até a educação.

Este livro surgiu disso. Ele nasceu da vontade de compartilhar algumas perguntas que me acompanharam desde a infância, passando pela adolescência e chegando até a vida adulta. Talvez algumas dessas questões também já tenham passado pela sua cabeça. E, se não passaram, espero pelo menos despertar uma pequena dúvida aí dentro. Porque é com as dúvidas que a gente começa a mudar.



DE ONDE SURTIU A IDEIA DESSE TRABALHO?

Tudo começou em 2014, quando entrei para um curso chamado “Gênero e Diversidade na Escola”. Foi lá que tive contato com pessoas que pesquisavam esse tema e aprendi, de verdade, como levar esse assunto para a sala de aula. Eu já falava sobre isso como professor de História, mas percebi que me faltava uma base teórica mais sólida — eu tinha vontade, mas não sabia exatamente como fazer.

Nesse curso, ao ouvir outros professores contarem suas experiências, percebi que não dá pra falar de gênero na escola sem olhar também pra nossa própria história: quem somos, como nos formamos, como vivemos tudo isso na infância e na adolescência.

Anos depois, no curso de Pedagogia, resolvi continuar nesse caminho. Fiz meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre o impacto das relações de gênero na escola. A ideia era observar isso de perto, na prática. Mas veio a pandemia, e o TCC acabou sendo só uma análise de textos, sem contato direto com os alunos. Não fiquei satisfeito, mas continuei estudando por conta própria e me preparando para entrar no mestrado.

Em 2023, entrei no Mestrado Profissional em Educação e Docência. Aí sim, tive a chance de mergulhar no tema de verdade! Minha pesquisa foi feita com uma turma do nono ano, em uma escola de tempo integral. Eram só doze estudantes: onze meninos e uma única menina. Durante o ano, observei como eles conviviam entre si, com a escola e com suas famílias. Também propus algumas atividades em forma de oficina para conversar sobre gênero, afetividade, masculinidade, sexualidade...

Foi dessas vivências, dessas trocas e observações, que nasceu a ideia de escrever este manual. Ele é fruto da prática, da escuta e da vontade de fazer diferente.

Quem somos?

Sou formado em História e Pedagogia. Atualmente sou professor de História do Ensino Fundamental e Médio da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais. Sou especialista em Gênero e Diversidade na escola e atualmente curso o Programa de Mestrado em Educação e Docência na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Quando posso, conto histórias voluntariamente em escolas públicas. Aos 35 anos fui diagnosticado como autista nível I de suporte.



Licenciado em Filosofia, com mestrado e doutorado em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG, onde é professor de Filosofia da Educação. Integra o Mestrado Profissional em Educação e Docência/PROMESTRE e pesquisa as relações de gênero e sexualidade na educação escolar e não-escolar.

COMO ESSE LIVRO ✨ FUNCIONA? ✨

Esse livro foi pensado pra ser simples e direto. A ideia é ajudar quem está em sala de aula a entender e conversar sobre as relações de gênero de um jeito mais leve e acessível.

Primeiro, vamos falar sobre alguns conceitos básicos. Isso ajuda a gente a entender como o gênero funciona e como ele se conecta com o poder, com a cultura e com a nossa própria história. Muita gente que trabalha com educação nunca teve formação pra tratar desse tema — e, nos últimos anos, ainda por cima, falar de gênero virou alvo de ataques, como se estivéssemos tentando impor uma “ideologia”. Isso não é verdade, mas tem gerado medo e confusão.

Depois dos conceitos, vou apresentar algumas oficinas e propostas de atividades que desenvolvi com os estudantes. Também conto como eles reagiram, o que funcionou bem, o que foi difícil e o que a gente aprendeu junto. E no final, indico algumas leituras que me ajudaram bastante. Talvez possam te ajudar também. ✨

Uma coisa que aprendi é que falar de gênero é também falar sobre nós mesmos. As nossas identidades — quem somos, o que sentimos, onde estamos — influenciam como vemos o mundo e como o mundo nos trata. Por isso, a capa deste livro é um espelho. Antes de falar com os outros, a gente precisa se olhar.



O QUE É “GÊNERO”?

Será que gênero é só a diferença entre homens e mulheres? Dá pra dizer que menina é quem tem vagina e menino é quem tem pênis? Parece simples, mas não é bem assim.

A gente costuma chamar essas partes do corpo de “íntimas”, ou seja, coisas que não mostramos nem falamos com facilidade. Então, se nem sempre elas estão visíveis ou discutidas, como é que podem ser o único critério pra definir quem somos?

Além disso, existem muitas regras sociais sobre o que é ser menino ou menina. E vamos combinar: nem todas fazem sentido. A gente cresce ouvindo essas regras e, sem perceber, vai repetindo-as.

Lembra daquela frase que virou polêmica: “menino veste azul, menina veste rosa”? Ela foi usada por alguns grupos mais conservadores como forma de reforçar separações rígidas entre meninos e meninas. Mas essa ideia não existiu sempre. Antigamente, por exemplo, o branco era a cor dos meninos, porque lembrava pureza. Já as meninas usavam mais azul claro. O rosa era considerado uma cor forte demais — ou seja, “masculina”! Foi só quando uma primeira-dama dos Estados Unidos, chamada Mamie Eisenhower, começou a aparecer usando rosa em festas e eventos que a cor virou “de menina”. Isso tem menos de 100 anos.

Hoje em dia, vemos festas como os “chás-revelação”, com fumaças azuis ou rosas, pra dizer se o bebê é menino ou menina — como se cor pudesse definir tudo sobre uma pessoa!



O que isso mostra? Que muitas dessas ideias vêm da cultura. E cultura não é algo que nasce com a gente, é algo que aprendemos. Por isso, podemos pensar que gênero não é só uma característica física, mas uma construção feita pelas nossas relações sociais, pela história e pelo lugar em que vivemos.

Se isso parece complicado... é porque realmente é! Mas entender isso ajuda a gente a enxergar o mundo de outro jeito.



O QUE É IDENTIDADE?

Se a gente está falando em identidade de gênero, então é importante entender primeiro o que significa **identidade**.

De forma simples, identidade é o que faz você ser quem você é. Mas também é, de certo modo, o que te diferencia dos outros. Parece confuso? Vamos explicar melhor.


Cada pessoa nasce em um lugar, numa cultura, numa época. A forma como crescemos, as experiências que vivemos, os valores que aprendemos — tudo isso molda a nossa identidade. Ou melhor: nossas identidades, no plural. Porque a gente não tem só uma. Somos muitas coisas ao mesmo tempo.

Por exemplo: você pode se identificar como estudante, filho, católico, flamenguista, mulher, homem, negro, indígena, gay, transexual, nordestino, trabalhador, entre outras. Todas essas identidades fazem parte de você e te colocam em relação com o mundo.


Mas a gente só percebe de verdade algumas dessas identidades quando encontra alguém diferente. É nesse momento que notamos que temos certas características, gostos ou valores que não são iguais aos do outro — e tudo bem! Identidade também se constrói nas diferenças, e não só nas semelhanças.

Eu costumo dizer que identidade é como uma mochila invisível que cada um carrega. Você vai colocando nela tudo o que te define, mesmo que os outros não consigam ver. E essa mochila não é só sua — às vezes, ela carrega coisas que a sociedade colocou lá dentro sem você perceber.

Essa metáfora ajuda a lembrar que identidade não é só sobre "gostar de tal coisa". Tem a ver com quem você é no mundo, como você se vê e como os outros te veem. E, como vamos ver mais pra frente, isso tem tudo a ver com as relações de poder.



SOU EU QUEM ESCOLHO * MINHAS IDENTIDADES?




Essa é uma pergunta muito importante — e a resposta não é tão simples: nem sempre somos nós que escolhemos nossas identidades.

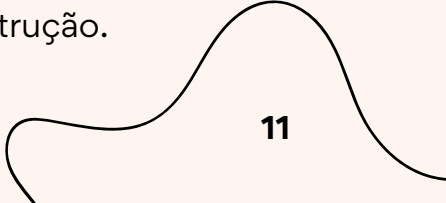
Vamos pensar juntos: ninguém escolhe onde vai nascer, qual será sua família, sua cultura ou até mesmo o nome que vai receber. Isso tudo já vem com a gente. E, junto, vem também uma série de expectativas que a sociedade coloca sobre quem você deve ser.

Um bom exemplo é o chá-revelação: antes mesmo de nascer, a criança já “ganha” um gênero, um nome, roupas de uma cor específica, brinquedos... Tudo isso vem baseado em padrões que a sociedade criou. Se for “menina”, esperam que brinque de casinha. Se for “menino”, carrinho e bola.

Essas regras são ensinadas desde cedo — às vezes sem ninguém perceber. A gente vai aprendendo a se comportar de acordo com elas e, muitas vezes, nem se dá conta disso. É como se já existisse um caminho traçado que nos dizem para seguir.



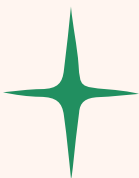
Mas a vida não é uma linha reta. Com o tempo, a gente vai mudando, se conhecendo melhor, e pode começar a se perguntar: isso realmente faz sentido pra mim? E aí começa um processo de descoberta, de reconstrução.



Nem sempre é fácil. Questionar uma identidade que te foi atribuída pode causar dor, confusão e até sofrimento, porque muitas pessoas ainda rejeitam o que é diferente do que elas consideram “normal”. Algumas identidades são mais aceitas, outras são marginalizadas e até perseguidas.



É por isso que esse processo de autoconhecimento é tão importante. E quando estamos em sala de aula, com crianças e adolescentes passando exatamente por esse momento de descoberta, precisamos estar atentos — e empáticos. Eles estão aprendendo a ser quem são, e nós também já passamos (ou ainda estamos passando) por isso.



RELAÇÕES DE GÊNERO SÃO RELAÇÕES DE PODER?

Sim, as relações de gênero também são relações de poder. E a gente consegue perceber isso quando olha com atenção para a forma como a sociedade funciona.

Na teoria, todos temos os mesmos direitos, não é? Mas, na prática, isso nem sempre acontece. Mesmo com leis que dizem que todos são iguais, ainda vivemos em um mundo onde quem mais se encaixa nos padrões de homem, branco, cisgênero e heterossexual costuma ter mais oportunidades — e isso se reflete no trabalho, na política, na mídia, nas famílias e, claro, também na escola.

Quer ver um exemplo concreto?

Um relatório recente do Ministério do Trabalho mostrou que homens brancos recebem, em média, salários mais altos do que homens negros e mulheres — principalmente mulheres negras. Isso também se repete quando olhamos para cargos de chefia.

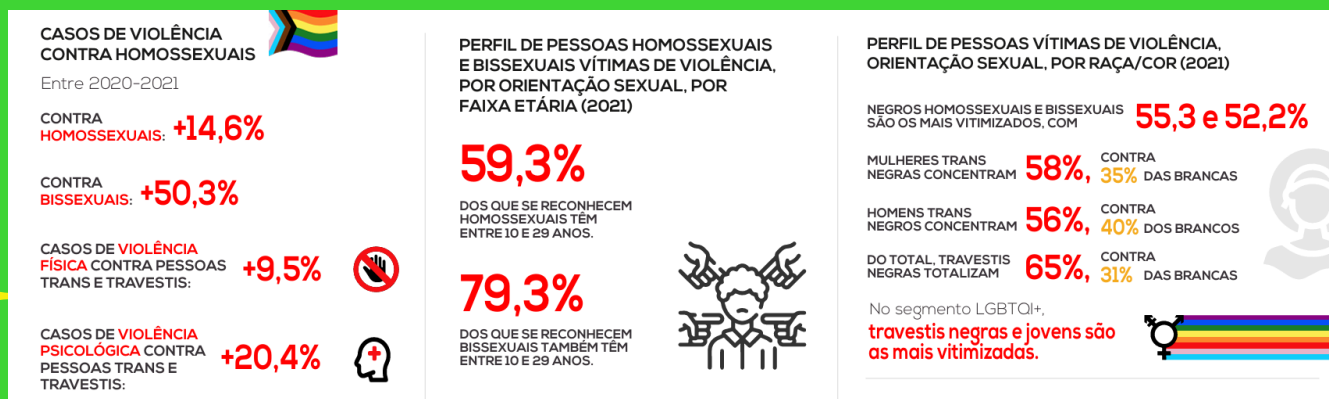
Se não existe nenhuma lei dizendo que mulheres ou pessoas negras devem ganhar menos, por que isso acontece? Porque o poder não está só nas leis. Ele está nas ideias, nas tradições, nas formas como fomos ensinados a ver o mundo — mesmo que ninguém diga isso em voz alta. São regras invisíveis que continuam sendo repetidas, sem que a gente perceba.

Raça Cor x Sexo	Quantidade de Vínculos	Remuneração Média	Salário Contratual Mediano
Mulheres	6.990.855	R\$ 3.904,34	R\$ 1.750,28
Mulheres Negras	2.987.559	R\$ 3.040,89	R\$ 1.566,00
Mulheres Não Negras	4.003.296	R\$ 4.552,45	R\$ 1.915,12
Homens	10.684.948	R\$ 4.846,39	R\$ 2.031,71
Homens Negros	4.950.815	R\$ 3.843,74	R\$ 1.845,56
Homens Não Negros	5.734.133	R\$ 5.718,40	R\$ 2.263,57

Dados e imagem: [Painel do Relatório de Transparência Salarial - Ministério do Trabalho de 2022](#)

Outro exemplo é a violência.

Os dados mostram que pessoas LGBTQIAPN+ sofrem muito mais violência física, verbal e até institucional simplesmente por existirem fora da “norma” que a sociedade espera. E se essas pessoas também forem negras, a situação costuma ser ainda mais grave.



Dados e Imagens: [Relatório Atlas da Violência 2023. Núcleo de Disseminação de Pesquisa DIEST/Ipea](#)

Pesquisas apontam que as vítimas mais vulneráveis à violência são, em sua maioria, negras e solteiras. Além disso, a maior parte dos agressores é do sexo masculino. Ou seja, a desigualdade de gênero se cruza com o racismo e o machismo, reforçando ainda mais as injustiças.

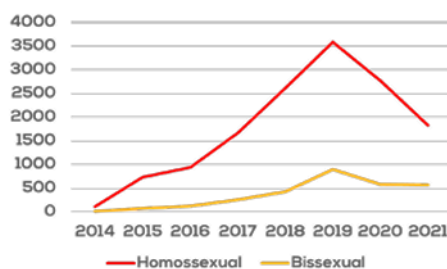
Mesmo com todas as barreiras, há um dado que traz um pouco de esperança: a busca por serviços de saúde por vítimas de violência aumentou em todos os grupos. Isso mostra que, apesar das dificuldades, mais pessoas estão procurando ajuda e enfrentando essas situações com mais coragem e informação.

PERFIL DE PESSOAS TRANS E TRAVESTIS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA, POR IDENTIDADE DE GÊNERO, POR FAIXA ETÁRIA (2021)

A FAIXA ETÁRIA DOS **15 AOS 29 ANOS** CONCENTRA MAIS DE

45% DO TOTAL DE VÍTIMAS EM TODAS AS CATEGORIAS.

VIOLÊNCIA AUTOPROVOCADA (IDEAÇÃO SUICIDA, AUTOAGRESSÕES E TENTATIVAS DE SUICÍDIO)



Dados relativos à violência autoprovocada são indicadores tanto do estado da saúde mental da população LGBTQI+, quanto da intensidade das hostilidades enfrentadas por este segmento social, que possui subgrupos propensos a vulnerabilidades de diferentes intensidades e modalidades.

Dados e Imagens: [Relatório Atlas da Violência 2023. Núcleo de Disseminação de Pesquisa DIEST/Ipea](#)

Essas desigualdades mostram que algumas identidades são mais aceitas do que outras — e isso afeta diretamente o sentimento de pertencimento. Quem se sente excluído, rejeitado ou invisível pode carregar dores profundas, externas e internas. É por isso que precisamos falar sobre isso, principalmente na escola.

Quando a gente entende que gênero e identidade estão ligados ao poder, conseguimos enxergar que mudar essas relações também é uma forma de construir uma sociedade mais justa.

CIS, TRANS... COMO ASSIM?

Quando falamos sobre identidade de gênero, surgem alguns termos que nem todo mundo conhece bem — e está tudo bem, porque a gente aprende juntos! Vamos explicar alguns desses termos de forma bem direta:

- **Pessoa cisgênera (ou “cis”):** é quem se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer. Por exemplo, se uma pessoa nasceu com pênis e foi chamada de “menino” e continua se identificando como homem, ela é cis.
- **Pessoa transgênera (ou “trans”):** é quem não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento. Por exemplo, alguém que nasceu com útero e foi chamada de “menina”, mas se reconhece como homem ou como outra identidade.
- **Pessoa não-binária:** é quem não se vê nem como homem, nem como mulher. A identidade dessa pessoa pode estar entre esses dois gêneros, além deles ou fora dessa divisão.

Agora atenção: gênero e orientação sexual não são a mesma coisa!

Gênero é sobre como a pessoa se vê (homem, mulher, não-binária etc.).

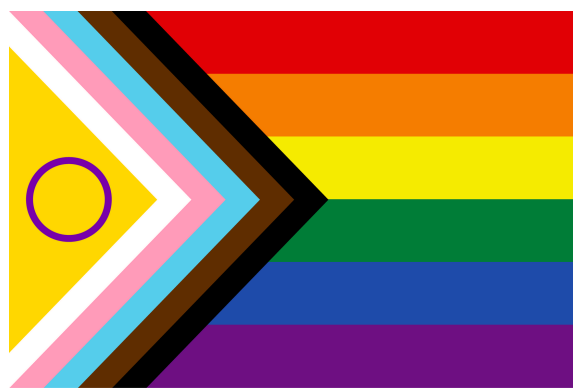
Orientação Sexual é sobre por quem essa pessoa sente atração ou afeto.

Veja só:

- **Heterossexuais:** sentem atração por pessoas do gênero oposto.
- **Homossexuais:** sentem atração por pessoas do mesmo gênero.
- E existem muitas outras formas de amar e desejar: bissexuais, assexuais, panssexuais, entre outras.

Por isso usamos a sigla **LGBTQIAPN+**, que representa:

- **L**ésbicas
- **G**ays
- **B**issexuais
- **T**ransgêneros
- **Q**ueer
- **I**ntersexo
- **A**ssexuais
- **P**anssexuais
- **N**ão-binários
- E o **+** (**mais**) simboliza outras identidades que também existem e merecem respeito.



A bandeira do arco-íris, tão conhecida, representa justamente essa diversidade. Assim como há muitas cores, há também muitas formas de ser e de amar.

Se somos professores, precisamos entender essa variedade. Nossos alunos e alunas são diferentes entre si — e todos merecem se sentir vistos, acolhidos e respeitados.

ENFIM, POR QUE FALAR DE GÊNERO NA ESCOLA?



Infância e adolescência são fases cheias de descobertas — e também de dúvidas. É nesse período que as pessoas começam a questionar quem são, como se sentem, e o que esperam do mundo. E é nesse mesmo momento que as ideias sobre gênero, corpo e comportamento aparecem com mais força.

A escola é um dos principais espaços onde tudo isso se desenrola. É ali que os estudantes convivem com gente diferente, formam amizades, enfrentam conflitos e começam a construir sua própria identidade. Só que, junto com tudo isso, também carregam os preconceitos que aprenderam no mundo lá fora.

Por exemplo: muitos adolescentes já chegam à escola com a ideia de que só existe uma forma “certa” de ser menino ou menina. E quem não se encaixa nesses modelos acaba sendo excluído, criticado ou até ridicularizado. Isso acontece com meninas que não se comportam “como se espera” delas, e com meninos que não se encaixam nos padrões de masculinidade que a sociedade impõe.

Mas não são só eles que exercem esse controle. Nós, professores e professoras, muitas vezes também acabamos reforçando esses padrões — mesmo sem perceber. Exigimos determinados comportamentos, damos broncas diferentes para meninas e meninos, tratamos como “normal” aquilo que é comum para nós, sem nos perguntar se aquilo faz sentido para todo mundo.

Falar de gênero na escola é, antes de tudo, **olhar para nós mesmos**. É perceber o quanto fomos moldados por regras que nem sempre fazem sentido — e que, muitas vezes, também nos machucaram.

Quando refletimos sobre isso, conseguimos transformar a forma como lidamos com os estudantes. E, mais do que isso, mostramos pra eles que a escola pode ser um espaço seguro para quem está tentando entender quem é.

Por isso, mais do que saber a teoria, **é preciso sentir e pensar junto** com os adolescentes. Só assim conseguimos trazer o debate de gênero pra sala de aula de forma verdadeira e acolhedora.



COMO FALAR DE GÊNERO EM SALA DE AULA?

Levar o tema gênero para a sala de aula nem sempre é fácil — principalmente quando a turma é cheia de meninos e tem poucas (ou nenhuma) meninas. Isso exige sensibilidade e atenção. Mesmo que o assunto envolva relações de poder, os adolescentes nem sempre percebem como esses poderes funcionam no dia a dia, nem quando estão sendo oprimidos ou oprimindo alguém.

Sabendo disso, optei por começar esse trabalho com oficinas simples, que pudessem abrir espaço para conversa e troca de ideias. A ideia era provocar a curiosidade, sem forçar ninguém a entender tudo de uma vez. Cada oficina era seguida de um pequeno debate, e os conceitos iam sendo retomados ao longo do tempo, com base no que os próprios alunos diziam e vivenciavam.

Para montar essas oficinas, escolhi um caminho teórico: comecei falando de **identidade**, depois passei para o significado de **gênero**, discutimos **performance**, e terminamos com **masculinidade** e **afetividade**. Mas, como toda boa aula, nem tudo seguiu exatamente o plano. Muitas vezes, as falas dos alunos me fizeram mudar o rumo das atividades — e isso foi muito positivo!

A seguir, vou apresentar cada oficina que realizei: os materiais que usei, como organizei a atividade e o que observei de mais positivo (ou desafiador) em cada uma. Claro que nem tudo o que funcionou comigo vai funcionar com você — afinal, cada turma é única. Mas espero que esse compartilhamento te ajude a criar caminhos próprios para discutir gênero com seus alunos e alunas.

COMO FALAR DE IDENTIDADE?

Materiais:

- Folhas A4 (brancas ou coloridas)
- Canetinhas, lápis de cor, lápis grafite
- Tesoura (opcional)

Tempo:

- Cerca de dois períodos de 50 minutos cada

Etapa 1: Começando a conversa

Antes de qualquer coisa, é importante explicar o que é identidade de um jeito simples. Diga aos alunos que identidade são características culturais, sociais e geográficas que ajudam a definir quem somos. Algumas identidades aparecem em certos lugares, como na escola, na igreja, na família...

Depois, apresente uma metáfora que costumo usar e que funciona bem: nossas identidades são como mochilas invisíveis que carregamos o tempo todo. Às vezes elas pesam, às vezes nem percebemos. Mas estão sempre com a gente. Essa imagem ajuda muito os alunos a visualizarem o conceito.

Etapa 2: Mãos à obra

Agora é hora de colocar a criatividade em prática! Peça para que os alunos desenhem ou montem mochilas nas folhas A4, do jeito que quiserem. Dentro da “mochila”, eles vão escrever (ou desenhar) coisas que representam suas identidades: religião, gostos, estilos, família, hobbies, papel na escola, valores...

Se tiverem dificuldade para escrever, podem desenhar. O importante é que consigam expressar quem são. Depois que terminarem, as mochilas devem ser entregues com o nome de cada um.

Etapa 3: Compartilhando

Com as mochilas em mãos, o professor pode ir lendo (ou mostrando) o que cada aluno escreveu. A ideia aqui é destacar o que é comum entre eles e o que é diferente — sem julgamento, só reconhecimento.

Etapa 4: Fechamento

Depois dessa partilha, retome a conversa: nenhuma identidade é “natural” ou “nasce com a gente”. Todas são construídas ao longo da vida, com base na cultura, nas experiências e nas relações. Isso abre caminho pra gente falar, mais à frente, de como essas identidades se conectam com gênero.

Balanço da oficina

A parte mais difícil foi ajudar os alunos a entender que identidade é algo que a gente é, e não apenas o que a gente faz. Muitos colocaram como identidade os lugares que frequentam ou as atividades que gostam. Isso também faz parte, claro, mas a ideia é ir além.

A identidade mais comum foi “gamer” — o que mostra como os jogos fazem parte da vida deles. Também apareceram religiões, papéis familiares (como “filho”, “irmão”, “estudante”), e isso nos ajuda a entender como eles se veem no mundo ao redor.

A oficina também mostrou como as identidades mudam com o tempo. Por exemplo: na minha época, ser “gamer” nem era uma identidade reconhecida — hoje é comum. Esse papo nos levou a refletir que as identidades se transformam, e essa ideia é fundamental para avançarmos na discussão sobre gênero.



COMO DIFERENCIAR SEXO E GÊNERO?

Depois de conversar sobre identidade, chegou a hora de falar sobre sexo e gênero. Esses dois conceitos costumam ser confundidos, então é importante explicar com calma e de forma acessível.

Para essa oficina, usei um material muito útil: o manual “**Envolvendo Rapazes e Homens na Transformação das Relações de Gênero**”, da ONG Promundo. Ele traz atividades educativas bem interessantes para usar com adolescentes.

Materiais:

- O “Jogo do Gênero” (do manual)
- Cópias do questionário da atividade

Tempo:

- Uma aula de 50 minutos.

Etapa 1: Começando com os conceitos

Antes de tudo, leia com os alunos (ou explique com suas palavras) as definições do manual:

- **Sexo:** está relacionado a características físicas e biológicas — como órgãos genitais, hormônios e cromossomos.
- **Gênero:** diz respeito às ideias e expectativas que a sociedade constrói sobre o que é ser homem ou mulher — como se vestir, se comportar, falar, sentir...

Deixe claro: **sexo é o que está no corpo, gênero é o que está na cultura.** Um é material, o outro é construído ao longo do tempo

Etapa 2: Hora do jogo

Cada estudante recebe o seguinte questionário:

Jogo do Gênero:

Identifique se as afirmações abaixo se referem a gênero ou a sexo.

Gênero	Sexo	
		1. Mulheres dão à luz bebês, homens não.
		2. Meninas devem ser delicadas, meninos devem ser durões.
		3. Em todo o mundo, as mulheres jovens e adultas são quem assume o cuidado daqueles com doenças relacionadas à SIDA em mais de dois terços das famílias
		4. Mulheres podem amamentar bebês, homens podem alimentá-los através do biberão.
		5. Muitas mulheres não tomam decisões com liberdade, especialmente as que dizem respeito à sexualidade e as relações do casal
		6. A voz dos homens muda com a puberdade, a das mulheres não.
		7. Quatro quintos de todos os usuários de drogas injectáveis do mundo são homens.
		8. As mulheres recebem menos que os homens para realizarem o mesmo trabalho.

Dados e Imagem: Envolvendo Rapazes e Homens na Transformação das Relações de Gênero: manual de actividades educativas, p. 67.

Etapa 3: Debate e reflexão

Depois de corrigir o jogo com a turma, abra espaço para uma conversa. Pergunte:


- O que foi mais fácil ou mais difícil de entender?
- Teve alguma resposta que surpreendeu?
- Como essas diferenças aparecem no nosso dia a dia?

É uma ótima oportunidade para reforçar que **gênero é uma construção social** — e, portanto, pode mudar. Assim como as identidades mudam, o jeito que a sociedade entende os papéis de gênero também pode se transformar.

Balanco da oficina

Deu super certo! A turma entendeu bem a diferença entre sexo e gênero. A discussão foi muito rica, e conseguimos conectar tudo com o que já havíamos conversado sobre identidade.

Usar o jogo ajudou bastante a tornar o conteúdo mais leve e divertido, e ainda assim profundo. Foi uma ponte perfeita para avançar para o próximo passo: discutir como essas construções de gênero impactam nosso comportamento e nossa visão de mundo.



EU SOU UMA PESSOA, UMA COISA OU UM OBSERVADOR?

Essa oficina é baseada em uma proposta do **manual da Promundo**. Ela é bem simples, mas muito poderosa para ajudar os alunos a entenderem como as relações de poder funcionam — inclusive nas relações de gênero.

A ideia aqui é fazer os estudantes sentirem, na prática, como é ser tratado com mais ou menos poder em uma relação. É uma dinâmica que mexe com eles — e com a gente também!

Materiais:

- Nenhum material específico.

Tempo:

- Uma aula de 50 minutos.

OFICINA

Etapa 1: Dividindo os papéis

Divida a turma em três grupos:

- **Pessoas:** são as que mandam.
- **Coisas:** são as que obedecem.
- **Observadores:** apenas assistem, sem interferir.

Explique que as “pessoas” podem dar comandos simples às “coisas” (sempre com respeito, claro). Dê limites para garantir que ninguém se sinta humilhado ou constrangido.

Etapa 2: A dinâmica

As “pessoas” dão ordens às “coisas”. Coisas obedecem. Observadores observam.

As ordens podem ser, por exemplo: dar um abraço, fazer um alongamento, fingir estar rezando, fazer uma pose engraçada, ou algo leve e respeitoso. A ideia não é ridicularizar ninguém, mas criar uma sensação real de hierarquia.

Etapa 2: A dinâmica

Depois da dinâmica, reúna a turma para conversar:

- Como foi ser “coisa”? E “pessoa”?
- Quem preferiu ser “observador”? Por quê?
- Em que momentos vocês sentiram desconforto?
- O que isso nos ensina sobre poder?

OFICINA

Relacione a discussão com as estruturas sociais: em várias situações da vida (inclusive nas relações de gênero), algumas pessoas têm poder para decidir, enquanto outras acabam sendo silenciadas ou tratadas como “objetos”.

Balanço da oficina

Essa oficina foi intensa! As “pessoas” gostaram da sensação de controle, e as “coisas” disseram que não foi fácil obedecer sem questionar. Os “observadores” acharam confortável não se envolver — até perceberem que também têm responsabilidade sobre o que acontece à sua volta. ✨

Na minha turma, os meninos se mostraram desconfortáveis com certas ordens, como dar abraço em outro colega. Isso gerou um debate ótimo sobre masculinidade, afeto e vergonha.

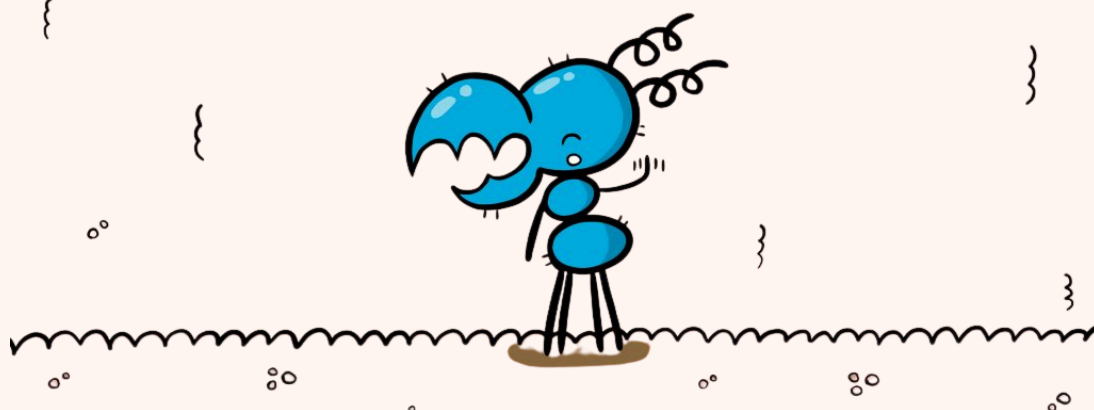
Ao final, quando perguntei se as relações de gênero também envolvem poder, alguns disseram “talvez”, outros “sim”, mas com dúvidas. Isso já mostra que a oficina cumpriu seu papel: plantar questionamentos. E, na educação, às vezes as dúvidas são mais importantes que as respostas prontas.

TODA FORMIGA É FÊMEEA?

Essa oficina surgiu de um jeito inesperado. Um dia, navegando pelo Instagram, me deparei com uma história em quadrinhos chamada **“Fábio-Formiga”**, do artista Gabú Brito. O personagem é um zangão (um tipo de abelha macho) que não quer seguir o papel que lhe foi imposto: viver apenas para acasalar. Ele quer cuidar, fazer outras coisas. E decide mudar seu caminho.

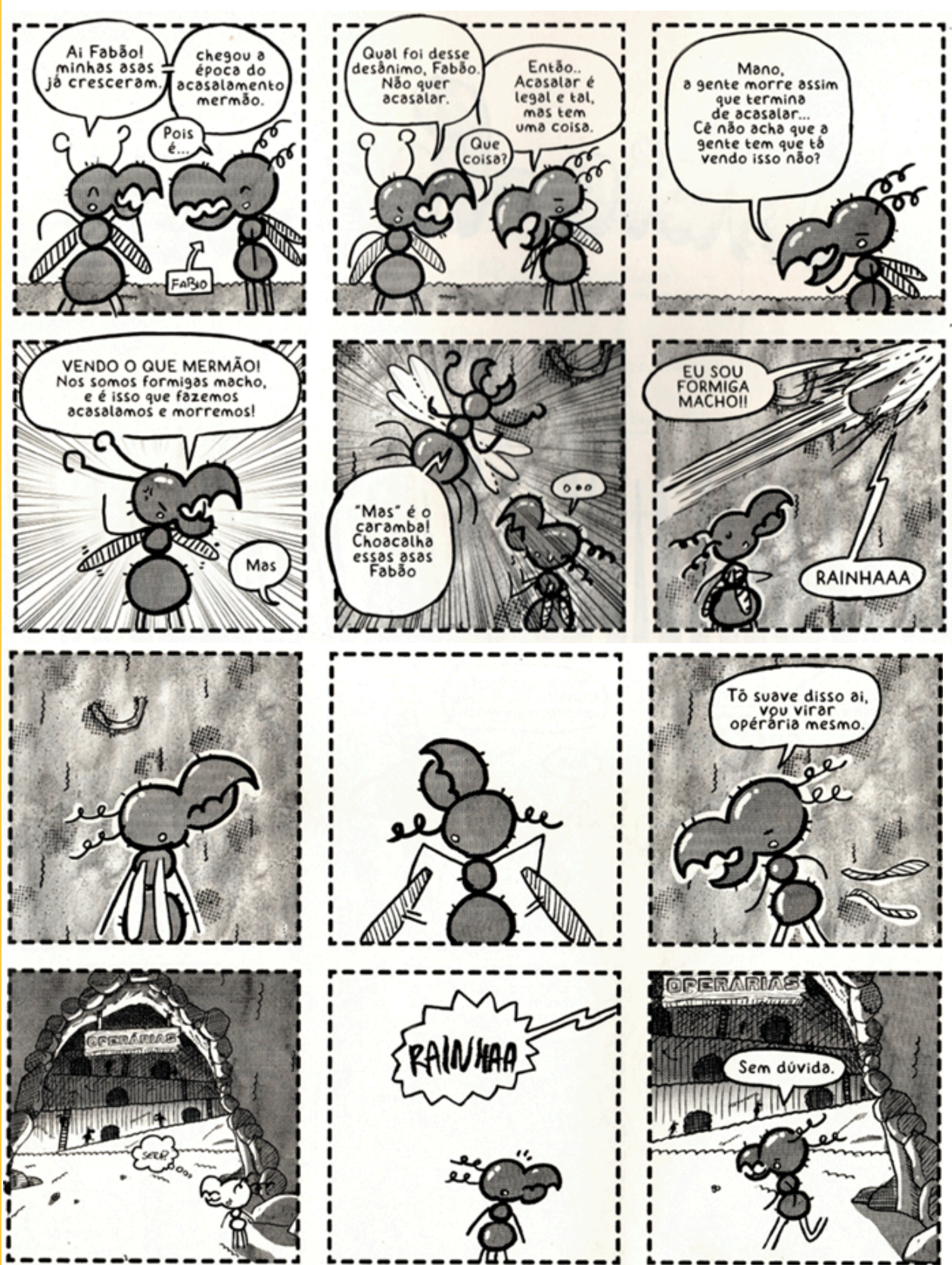
A história me pegou em cheio. Pensei: “Isso dá uma ótima conversa sobre gênero, papéis sociais, afeto e até identidade!”. E foi o que aconteceu.

Fábio-Formiga



Materiais:

- Abaixo algumas imagens que foi utilizadas (BRITO, Gabu. Fábio-Formiga):



OFICINA

Materiais:

- Projetor com acesso à internet ou o livro impresso do Fábio-Formiga.
- (Se possível) levar a história em papel para quem não tem acesso às redes sociais.

Tempo:

- Uma aula de 50 minutos.

Etapa 1: Conhecendo a história

Mostre à turma os primeiros capítulos da história de **Fábio-Formiga**. Dá pra usar o Instagram do autor, mas se tiver o livro impresso, também funciona muito bem.

A ideia é apresentar até o momento em que Fábio decide que não quer mais viver como um zangão tradicional — ele inclusive arranca as próprias asas, símbolo da sua condição.

Etapa 2: Debatendo com a turma

Depois da leitura, pergunte:

- O que acharam da história do Fábio?
- O que ele quis mudar? Por quê?
- Ele foi aceito pelas formigas operárias? Por que sim ou por que não?


Em seguida, retome as conversas anteriores:

- O que essa história tem a ver com identidade de gênero?
- Podemos dizer que Fábio está quebrando regras sobre “como deve ser um zangão”?
- Ele seria uma “pessoa”, uma “coisa” ou um “observador”?

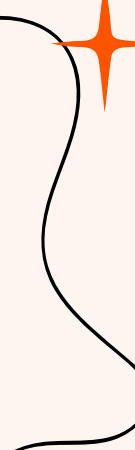
Balanço da oficina

A história do Fábio foi um sucesso! Os alunos se envolveram bastante, tanto com o enredo quanto com as metáforas. Perceberam que o personagem estava lutando contra um papel que lhe foi imposto, assim como muitas pessoas fazem na vida real quando não se encaixam nas regras de gênero que a sociedade cria.

A história também gerou curiosidade sobre como funciona um formigueiro — descobrimos juntos que as formigas que vemos trabalhando são todas fêmeas! E isso virou um gancho excelente pra discutir o que é tradição, o que é papel de gênero, e o que significa resistir a esses papéis.



Ao final, muitos disseram que Fábio era uma “coisa” que lutava para se tornar uma “pessoa”. Uma aluna comentou que ele queria “ser aceito como ele realmente era”. Esse tipo de reflexão mostra que a oficina tocou num ponto importante: pertencimento.



Foi uma oficina leve, divertida, e ao mesmo tempo profunda. E abriu espaço para um novo tema que surgiu a partir das falas dos próprios estudantes: a masculinidade.

COMO UMA OFICINA QUE DEU ERRADO PODE DAR CERTO?

Depois da história do Fábio-Formiga, percebi que os alunos estavam com muitas dúvidas sobre sexualidade. Então, resolvi abrir espaço para eles perguntarem o que quisessem sobre o tema. Achei que iriam perguntar coisas como “o que é ser gay?”, “o que significa bissexual?”... Mas a primeira pergunta me surpreendeu:

“Professor, por que os pais costumam abandonar os filhos? É sempre o pai que vai embora?”

Essa pergunta mudou completamente o rumo da oficina.

O que aconteceu a partir daí?

Abandonamos o plano inicial e tivemos uma conversa verdadeira, daquelas que a gente não encontra em nenhum livro. Eles começaram a falar sobre suas famílias, suas dores, e principalmente sobre a **ausência paterna** — muitos contaram que o pai não participa de suas vidas ou nunca esteve presente.

Foi aí que entendi: eles não queriam só falar de sexualidade. Eles queriam falar sobre **afeto, masculinidade, paternidade e emoções**. E tudo isso tem tudo a ver com gênero.

Masculinidade que machuca

Falamos sobre como a sociedade cobra dos meninos que sejam “fortes”, “durões”, “que não chorem”. Mas isso machuca. Machuca quando eles são zoados por demonstrar carinho. Machuca quando têm que esconder o que sentem. Machuca quando se sentem sozinhos e não podem pedir ajuda.

Também conversamos sobre o quanto as mães — muitas vezes sozinhas — acabam carregando um fardo enorme: cuidar da casa, dos filhos, do dinheiro, de tudo. E como, aos poucos, os próprios adolescentes vão sendo obrigados a “ajudar” nesse cuidado, mesmo ainda sendo tão jovens.

O valor de escutar

Essa oficina, que parecia ter saído dos trilhos, acabou sendo uma das mais importantes. Foi quando percebi que eles já estavam conectando o que aprendemos sobre gênero com as próprias vidas. Eles sabiam que havia algo errado nos papéis que estavam sendo forçados a viver, mesmo que não soubessem ainda colocar isso em palavras.

Por isso, vale lembrar: nem sempre o mais importante é seguir o roteiro. Às vezes, é deixar que os alunos mostrem o caminho. Escutar também é ensinar.

COMO AGE UM HOMEM?



Depois daquela conversa sincera sobre família, afeto e abandono, decidi preparar uma oficina só pra falar de masculinidade. Afinal, eles estavam tentando entender o que a sociedade espera deles como “homens” — e isso nem sempre faz sentido ou faz bem.

Quis ouvir o que eles tinham a dizer, sem julgamento. Então criei uma atividade simples, mas com muito espaço para reflexão.

Materiais:

- Papel branco ou pautado
- Lápis ou caneta

Tempo:

- Dois períodos de 50 minutos (e mesmo assim foi pouco!)

Etapa 1: Dividindo os papéis

Entreguei um pedaço de papel para cada aluno e pedi que respondessem, de forma anônima:

“O que significa ser homem para você?”

Pedi que não colocassem o nome, pra se sentirem mais à vontade.

OFICINA

Etapa 1: Dividindo os papéis

Divida a turma em três grupos:

- **Pessoas:** são as que mandam.
- **Coisas:** são as que obedecem.
- **Observadores:** apenas assistem, sem interferir.

Explique que as “pessoas” podem dar comandos simples às “coisas” (sempre com respeito, claro). Dê limites para garantir que ninguém se sinta humilhado ou constrangido.

Etapa 2: Leitura e conversa

Depois de recolher os papéis, li as respostas em voz alta para a turma. Em seguida, abrimos um debate com base no que eles mesmos escreveram.

Algumas respostas que surgiram:

- “Ser homem é ser forte, protetor e cuidar da família.”
- “Tem que ser cabeça da relação.”
- “Ser homem é ter caráter e não machucar sua parceira.”
- “O homem deve proteger os mais fracos, principalmente as mulheres.”

Essas frases mostram o quanto os meninos se sentem pressionados a assumir responsabilidades enormes, mesmo sendo tão jovens. Muitos carregam a ideia de que o homem deve “dar conta de tudo” — e, ao mesmo tempo, evitam demonstrar fragilidade.


Balanço da oficina



Essa oficina foi reveladora. Percebi que muitos meninos estavam tentando construir uma imagem de homem diferente daquela que conheceram em casa — principalmente quando falavam dos pais ausentes.

Alguns estavam projetando o homem que queriam ser. Outros, **o homem que gostariam de ter por perto.**

Também ficou claro o quanto a ausência paterna marcou muitos deles. Vários vivem com as mães e veem nelas uma força que os inspira — ao mesmo tempo em que sentem o peso de ter que crescer rápido e assumir papéis de “adulto” antes da hora.



Terminamos a oficina refletindo sobre como esses padrões de masculinidade podem ser injustos e sufocantes — e como é possível construir uma forma mais saudável e afetiva de ser homem.

POR QUE EU PRECISO ESTUDAR SOBRE GÊNERO?

Você já deve ter percebido: falar sobre gênero com adolescentes é muito mais do que repetir conceitos teóricos. É lidar com dúvidas reais, sentimentos profundos e histórias de vida que muitas vezes vêm carregadas de dor, expectativa e descoberta.

Mas para conseguir fazer isso com sensibilidade e responsabilidade, a gente precisa estudar.

Mesmo que a gente tenha boa vontade, é o estudo que nos dá segurança para conduzir conversas difíceis, acolher diferentes pontos de vista e propor atividades que façam sentido. Sem esse preparo, corremos o risco de reforçar estereótipos ou, sem querer, machucar quem está tentando se entender.

Sei que a vida de professor é corrida. A gente sai da faculdade e parece que nunca mais vai conseguir tempo pra ler um livro inteiro. Mas estudar sobre gênero não precisa ser um peso. Pode ser aos poucos, com leituras curtas, rodas de conversa, podcasts, vídeos e troca com outros educadores.

O importante é não parar

As oficinas que compartilhei aqui só funcionaram porque vieram acompanhadas de muito estudo. Nada muito “engessado”, mas leituras que me ajudaram a pensar com mais profundidade. No final do livro, indico alguns materiais que me acompanharam nessa caminhada. Talvez eles possam te ajudar também.

Lembrando: estudar sobre gênero não é só para “militante” ou “especialista”. É para qualquer educador ou educadora que se preocupa com seus alunos e quer oferecer um espaço mais justo, seguro e acolhedor.

Masculinidade que machuca

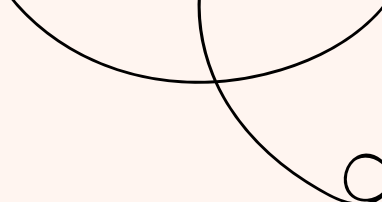
Falamos sobre como a sociedade cobra dos meninos que sejam “fortes”, “durões”, “que não chorem”. Mas isso machuca. Machuca quando eles são zoados por demonstrar carinho. Machuca quando têm que esconder o que sentem. Machuca quando se sentem sozinhos e não podem pedir ajuda.

Também conversamos sobre o quanto as mães — muitas vezes sozinhas — acabam carregando um fardo enorme: cuidar da casa, dos filhos, do dinheiro, de tudo. E como, aos poucos, os próprios adolescentes vão sendo obrigados a “ajudar” nesse cuidado, mesmo ainda sendo tão jovens.

O valor de escutar

Essa oficina, que parecia ter saído dos trilhos, acabou sendo uma das mais importantes. Foi quando percebi que eles já estavam conectando o que aprendemos sobre gênero com as próprias vidas. Eles sabiam que havia algo errado nos papéis que estavam sendo forçados a viver, mesmo que não soubessem ainda colocar isso em palavras.

Por isso, vale lembrar: nem sempre o mais importante é seguir o roteiro. Às vezes, é deixar que os alunos mostrem o caminho. Escutar também é ensinar.



QUAIS REFERÊNCIAS UTILIZEI NESSE TRABALHO?

- BHATTACHARYA, Tithi. Teoria da Reprodução Social: remapear a classe, recentralizar a opressão.
- BRASIL, Ministério do Trabalho. Painel do Relatório de Transparência Salarial. Brasília, 2024. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiaWJNhY2lyN2UtMjllMy00MjQxLTg2YzYtNjc5Yzk0YjE4MjQxliwidCI6IjNIYzkyOTY5LTVhNTEtNGYxOC04YWM5LWVmOThmYmFmYTk3OCJ9>. Acesso em 26/05/2025.
- BRASIL, Ministério do Planejamento e Orçamento. Violência contra a população LGBTQI+. Brasília/Rio de Janeiro: 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1643-dashboard-lgbtqi-06-12.pdf>. Acesso em 26/05/2025.
- BRITO, Gabú. Fábio-Formiga. São Paulo: Ed. Do Autor, 2024.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.



- BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. 23ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2022.
- Envolvendo Rapazes e Homens na Transformação das Relações de Género: manual de actividades educativas. Disponível em: <http://www.promundo.org.br/en/wpcontent/uploads/2010/07/Manual-Atividades-Educativas.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2025.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: A vontade de saber. 11ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 71ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- HOOKS, bell. A gente é da hora: homens negros e masculinidade. São Paulo: Elefante, 2022.
- LOURO, Guacira. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 16ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- LOURO, Guacira L. (org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz. Identidade Juvenil e Identidade Discente: processos de escolarização no terceiro ciclo da Escola Plural. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG, 2006.
- RESTIER, H. & SOUZA, R. M. In: Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019.
- SILVA, Tomaz T. (org). Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.